

PANDO KEU

CÔRTE

Um anno . 12\$000.
Seis mezes . 6\$000
Tre mezes . 3\$500

PROVINCIAS

Um anno . . . 1\$8000
Seis mezes . . 7\$000
Avulso 500



ANNO I.

Assigna-se e vende-se nesta typographia

Nº 47



O cholera, vindo em sua viagem de excursão ao Rio de Janeiro, fuge espavorido diante do immenso estado das nossas praias.

Retrato de sua quadra que será offerecido á junta de Hygiene Publica, em signal de agradecimento do povo fluminense.

PANDOCKEU

NOVIDADES DA SEMANA.

Rio, de 3 Março de 1867.



nossa pobre cidade quasi sempre entregue ao enfado e á monotonia da insipidez, váe estremecer amanhã ao grito de alárma desta pleyade de *foliões*, que ligando o luxo ao e-s-pirito ostentará suas galas nestas ruas que se preparam brilhantemente, com flores, epigrammas, e carrancas que por medonhas e disformes: ausariam inveja ás mais horrendas creações de Hoffmann.

Estamos por tanto caros leitores nem mais nem menos chegados á porta do rissonho e festivo Carnaval, que ainda este anno váe quebrar o encanto dos nossos salões fechados á tanto tempo.

Está-se conversando com o domingo — gordo por os prazeres e festas que s'inventam, e as muitas loucuras e extravagancias que accarretam consigo.

Parece-me já estar vendo tudo em movimento, figurase-me assistir aos preparativos da grande batalha, em que elles empunhando a mascara, e trajando burlescos *chicards* que a *Niobey* sabe enfeitar, percorrer a cidade inteira de um a outro lado, gritando, palbndo, espirrando as taes *bisnagas* nos olhos da humanidade, debicando e até descobrindo (o que eu reprovo e acho mal feito) muito segredinho das moças que pensavam ninguem saber.

Eu queria advinhar durante o curto espaço de um minuto para desle já desliar a meada das muitas intrigas engendradas e urdidas nas trevas do sygillo.

Mas que fazer?

Tenho de contentar-me com o meu bom desejo; não posso semellante dom, nem sei se por ali algures existe alguém tão bem fadado que delle póde dispor.

Todavia porém — *Pollux*, que é moço elegante, que não perde um só divertimento; sem duvida nenhuma se achará nos salões do Theatro Lyrico e S. Pedro que se preparam com luxo e riqueza, e então elle sem o dom de advinhar, porém com a graça e gosto que lhe é proprio; não guardará silencio sobre tudo quanto vir e ouvir, esmiuçando os segredos os mais reservados, de que dará contas aos nossos leitores, na semana seguinte sem todavia, cavalheiro como é, elle comprometter os seus heróes e heroínas.

Durante esta semana os Theatros não estiveram submersos na sua costumada pasmaceira, ergueram a cabeça e disseram alguma cousa de bom.

Como estava anunciado, no dia 21 do corrente effectuou-se no theatro Gymnasio a representação do drama fantastico-lyrico em 1 prologo e 4 actos: — *Remorso Viro*, por Furtado Coelho e Joaquim Serra, musica de Arthur Napoleão.

Esta trindade distincta, já bem conhecida no firmamento da intelligencia e do trabalho, é um garante indubitavel de que o drama tem merito e peso litterario.

Assisti á sua representação, não é um trabalho de primeira plana, nem uma composição recheiada de bellezas litterarias, não; resente-se de alguns senões, que todavia perdem-se ante as muitas scenas escriptas com verdadeiro sentimento; entretanto tenho vontade e faço grande empenho em que todos assistam á sua representação.

O scenario é magnifico e offerece alguma originalidade.

O desempenho correu perfeitamente como era de esperar de uma companhia modelo como é esta dirigida e ensaiada por Furtado Coelho que como autor, actor, e ensaiador, mostrou, ainda nesta noite e sempre, a força de seu talento, e o quanto póde a força de vontade para superar todas as difficuldades.

..

Joanna de Flandres a Amaldiçoada — foi o drama escolhido para no theatro de S. Pedro fazer a sua reentrada os actores Galvão e Bernardina, o que com effeito effectuou-se no sabbado 16 de Fevereiro do corrente.

O drama apesar de não estar na altura da companhia deste theatro, todavia o seu desempenho correu bem.

A actriz Bernardina no difficil papel de *Joanna* esteve soffrivel.

O actor Galvão, chamado a scena e applaudido devia ficar contente e orgulhar-se por a manifestação que recebeu vendo assim coroados seus esforços no desempenho de papel de *Raul de Maubon*.

..

Por hoje está completa a minha missão, desejando aos leitores bons *troles* e muitas *bisnagas* carnavalescas, já se sabe.

Castor.

O Carnaval.

Não é só o Janus Romano que tem duas caras e qualquer dellas a mais deslavada; duas caras tem o pinga

que come os jantares alheios, duas caras tem o sachristão que chupita o vinho das galhetas e leva para caza bicos de vella; duas caras tem a miseria que foge da opulencia e roe-nos á bom roer o estomago, duas caras tem o inhamo porque é cará e ás vezes barbudo.

Nesse mundo duas caras não são phenomeno. Ha caras e caretas, ha *caras da paschoa*, de bacinete, ha *cara á cara* e ha *caracará*, ave de rapina do Brasil e Paraguay, que tanto destroço faz nas gallinhas como qualquer filho do imperio celeste.

O Carnaval deste anno tem duas caras. A primeira de folião, bohemio, moleque e cara que reproduz-se, tem projecção de velho babão, de crinça que furta cocada, de menina que enrubesce e de *grisette* que dá de pernas em se lhe mostrando champagne, marca *Cliquot*. A segunda é de homem serio. conhecedor dos direitos e regalias dos povos, sujeito de *Digesto* e de digestão, bicho capaz de fallar tres horas em revoluções sociaes, liberdade... etc etc.

O Carnaval mostra a primeira cara nas ruas, nas praças e nos theatros. Protheu folgazão, do ceo faz cobo-las aos tolos, isto é, enganando os grosseiramente e logo em fresco na *primeira gaita* (ao primeiro canto do gallo) *está de gaita* (alegre) e d'ahi não ha parente pobre, nem olhos humidos. Porisso a primeira cara tem-na os mascaras, os bohemios do seculo, os pandegos.

A segunda cara do Carnaval é um composto de Triboulet com o sorriso de Taylleirand, olhos de Masarino e nariz de D. Bibas, testa de fuinha e queixos de barril de paos. Dessa colza de retalhos colhe-se a bobice e a hypocrisia, a avareza e a comilancia, a finura e o bom perfume.

A segund cara do Carnaval ve-se nas camaras municipaes: é a eleição secundaria. Alli tudo está de casaca, mas que casaca? Ha casacas de todas as cores e sujas ou limpas, isto é sujas de no-las oleosas, gordurentas, e outras limpas de pó, de lama, de amarramentos. E que casacas? Ha casacas independentes com feições de homem stoico, honesto, ha casacas que voltam-se ao dar do vento — são como as ventoinhas mudam de direcção.

A segunda cara do Carnaval é de interesse immenso; de uns papelinhos com privilegio de ballas de estallos tira-se uns versos e umas amendoas. As amendoas são os deputados e os versos os programmas, cada qual maior e porisso mesmo facil de esquecer-se e difficil de reter-se em memoria... queremos dizer: facil de reter-se na memoria!

Apreciemos pois o Carnaval nas suas duas caras; o que sentimos devoras é que a segunda produza filhos que comem pão de lot emquanto que a primeira gere filhos

que morrem ao crepuseulo matutino da quarta-feira que traz cinzas nos olhos.

Apreciemos pois a cara carnavalesca e a cara politica.

Chicard.

—o—o—o—

Virgulas...

No Alcazar nem ha tantas novidades que fartem, nem tão poucas que ninguém: vai aquillo assim á guiza de mundo olympico, onde sempre ha rozas e nectar, musica e ambrosia.

Foi-se Mr. Audemard, o distincto artista de tanta criação prodigioza! Foi-se e de saudades nós geme o coração e de tristezas nos contrista a alma.

Talento e arte, vocalisação e espirito scenico, Audemard havia-os em summa farta e opulenta e delles arrancava maravilhas, produzia encantamentos.

Substituto de Audemard, Mr. Lucien chamou a si o papel de *Popolani* na opera *Barbe-Bleue*. Lucien é de uma graça fina e penetrante e de um chiste tão explendente, que em abrindo a boca, saltam-lhe lumes vividos e scintillantes, porisso o *Popolani* de hoje é o *Popolani* de hontem visto, advinhado e sentido nas mesmas expressões scenicas e no mesmo tom artistico.

E' bom, é bello o ver-se como é rico o talento: trava d'um papel, estuda desde logo e reproduz-o ornamentado, adornado das louçanias que são todas suas pela razão evidente de que o actor é o fogo que anima a estatua que o escriptor fabricou e apparellhou no conciso do estylo e na propriedade da phrase.

Tem-se representado tambem no Alcazar a opera buffa de Gaveaux: *Le bouffe et le tailleur*.

Muita graça e boa musica, enredo facil e espirituoso, entrechos excellentes de musica alta e elegante — eis o que é a opera de Gaveaux que assás tem agradado.

Nada mais appareceu de novo no Alcazar, onde *habitués* e *virtuosi* delectam-se de orelha socegada tres ou quatro horas e voltam para caza a sonhar o ceo de Mahomet ou paraizo das Walkirias.

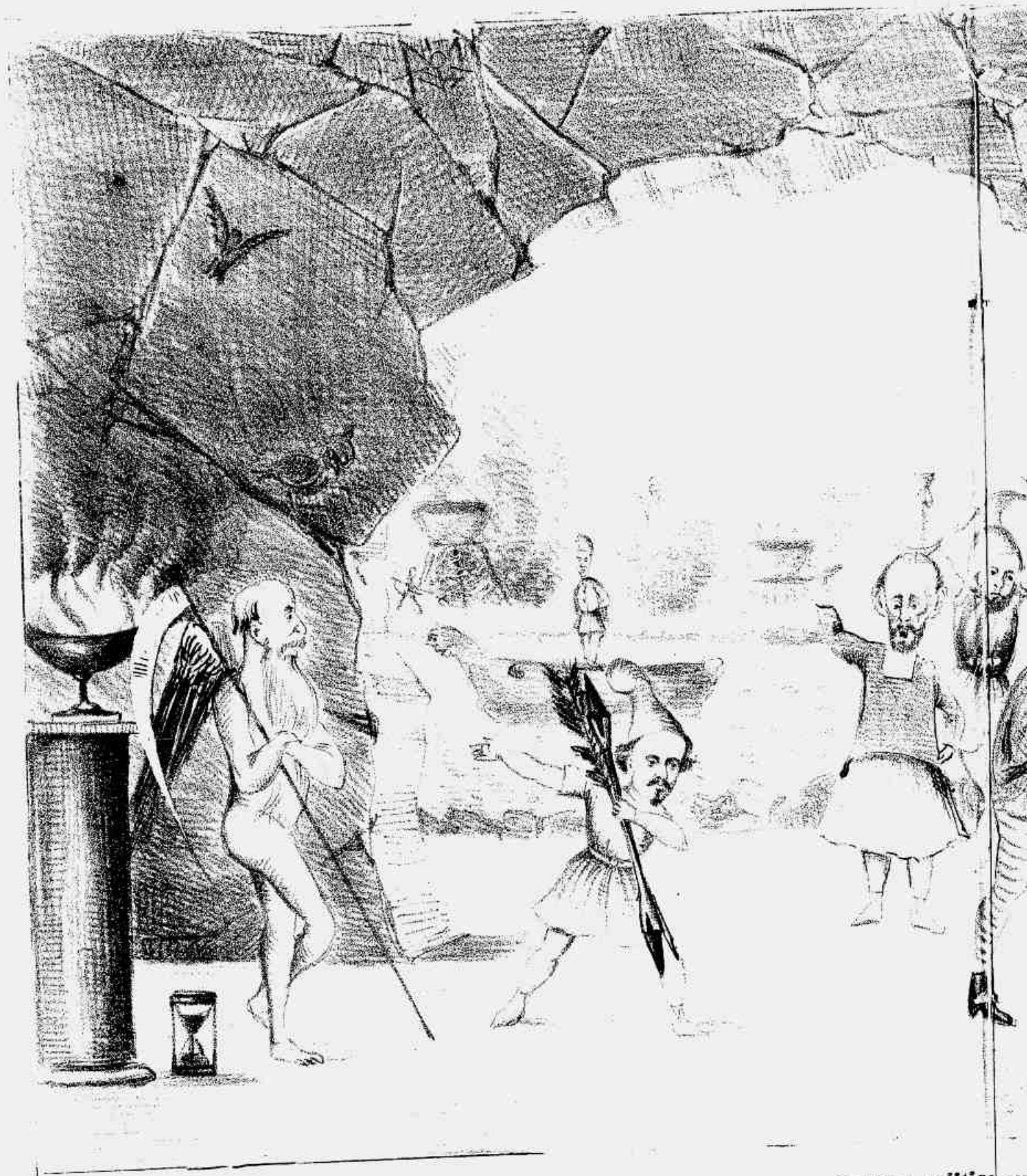
Elmano.

—o—o—o—

Espirito.

Roubo. — Util a todos.

Aos Srs. Advogados. — Rheumatismo.



Orpheu politico ou

Grande festa carnavalesca travestie, onde liberaes, progressistas, e conservadores

Estão!

O PANDORA e seu empresário assistem ao pagode para informar a seus leitores de



litico ou a mexinifada eleitoral.

e conservadores ligados de commum accordo, cantam em côro o grande estribilho de momento :

Ecce! o voto é livre!

eu leitores dos bons bocados que hão de dar-se na futura legislatura que promette ser bem divertida.

Grande redução nos preços. — Especialmente co-branças.

Para vapores. — Cerejas em caldas.

Massa de tomates. — A 160 rs, ao covado.

Aos carroceiros. — Conselheiro dos amantes.

Para tingir os cabellos e barba. — Instrumentos de dentista.

Musica nova. — Para as confeitarias.

Cantos matutinos. — Paletots para o inverno.

Loja para alugar. — Lições particulares.

Novo purgatorio. — Sementes de hortaliça.

A marmota. — Fogo artificial.

Mucama sahú à luz. — Aos Srs. Fazendeiros.

A viuvinha. — Pechincha certa.

Terrenos para vender. — Relógios e joias as famílias brasileiras.

Criança para criar. — Caixa de massa vazia.

Escravo para alugar. — Lições de solfejo, piano e canto.

Aviso á praça. — Objectos da china, á 15 \$ 000 o móio.

Besta fugida. — Mudança de estabelecimento.

Charutos. — Fogões economicos.

Mãos alvas. — Tintas hydrofugas.

Aos proprietarios. — Burras de ferro.

Diccionario. — Sortimento de miudezas.

Doce secco. — A's quatro nações.

Molestias. — Sementes novas para festas.

Modas e costumes. — Aguas gasosas.

A' bella venesiana. — Paos e linguças.

Carvão de pedra para cosinhar. — Sanguesugas.

Alugão-se. — Novidades do paquete.

Criadas allemães. — Bichas de Hamburgo. a dinheiro á vista.

Phosphoros. — Transparentes para janella.

Artigos de viagem. — Letras estraviadas.

Roubo. — Para presentes em 24 horas.

Alugão-se. — Pretos fugidos.

Archivo theatral. — Armazem de papeis.

Roupa feita. — Ao publico.

Vacca tourina. — Criada para alugar.

Aviso a praça. — Piano e canto.

Professora de inglez. — Carvão animal.

Alugão-se. — Passas por todo o preço.

Lingoas do Rio Grande. — Meditem e lucrarão.

Aviso a praça. — Casa especial de modas.

Saias balões. — Brinquedos de borracha.

Bónecas, — papai — mamãe. — Ao publico.

Castanhas verdes. — Obras diversas.

Criada franceza. — Pescada tão boa sim; melhor não.

Goiabada. — Aos mestres de obras.

O dentista universal. — Cavallo do cabo.

Escravos fugidos. — Para bailes mascarados.

Compra-se. — Rateio para acabar.

Precisa-se de uma criada branca. — Para ver ao publico.

Machinas de costura. — Dinheiro sobre hypothecas.

Amas de leite. — Bocetas para frutas.

Cem mil reis de gratificação. — Aproveitem que é muito barato.

Aos pedestres. — Vapor de reboques.

Roupa feita. — Toilette economico.

Criada. Garopa. — Vêr para crêr.

«D'um dia que me achei mais pachorrento» tive a paciencia de tomar estas notas n'um jornal.

Fonseca.

Nomes que não parecem-se com as cousas.

— *Margarida*, ave aquatica da lagoa dos Obidos e perola preciosa.

— *Orgão*, syphão pneumatico por meio do qual se transvasa o vinho de uma vasilha para outra.

— *Bom pasto*, boa meza, comida delicada.

— *Pastel*, mistura de typos.

— *Perças*, páos grandes que atravessão o carro da pópa e vão acabar no pé mancos.

— *Anjo do mar*, especie de cão marinho, peixe de grandes barbatanas.

— *Carrega-bestas*, uvas de boa qualidade e de cachos grossos.

— *Condega*, cestinha de vime redonda ou oval e de tampa dobradiça.

— *Corneta*, cavalleiro ou musico que toca corneta.

Fábula.

A CASTIGADA.

Cercada de mil desvellos
Gentil pombinha se via,
Mas apesar de feliz
Em dura magoa vivia.

Morava em linda gaiola.
Tinha immensa f'lecidade,
Tinha quanto desejava
A' excepção da liberdade.

Mas deste bem descontente
Junto á grade noite e dia,
Chorando seu captivo
Tristes lamentos fazia.

Se vinha o espozó contente
Beijal-a, tinha bicadas;
Dando voltas e arrulando
Ferviam d'aza as pancadas.

Mas uma vez descuidou-se
O dono que a porta abriu.
Ella, de gosto tomada
Batteu as azas, fugiu!

N'um verde e appartado outeiro
As lindas azas feichando,
De outros pombos, contente
Associou-se no bando.

Fugiram males antigos
Ahi tristezas morreram;
Inda que os novos amigos
A pancada a receberam.

Pobre pombinha infeliz!
Passado um pequeno espaço.
Cheia de horror, anciada
Preso se viu em um laço.

Por mais que os vós erguesse
P'ra no laço s'escapar
Um tiro trôa horroroso
Que a faz na terra tombar.

Vendo a morte aproximar-se,
Lembra o passado querido;
Que nunca o bem se conhece
Se não depois de perdido.

—Já gozei doces venturas,
Clama: sentindo a morte;
Mas ninguém vive contente
Com sua boa ou má sorte.

No meu estado feliz
O alheio estado invejei:
Por gosto vi o infortunio
O bem por o mal troquei.

O' liberdade mimosa
Cheia de encanto e de graça,
Quasi sempre a tua luz
Nos leva para a desgraça.

*
*

Quem no seu ditoso estado
Deixa de ter permanencia,
Não crimine a providencia
Se tiver fim desgraçado.

Rio 21 de Fevereiro de 1867.

Omissirev Junius.

Typ. de Domingos Luiz dos Santos, rua Nova d'ô Ouvidor n. 20.



Os grandes da terra indo tomar conta do Brasil.